Prefácio

Elizabeth Moreira dos Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, EM. Prefácio. In: MONTEIRO, S. *Qual prevenção? Aids, sexualidade e gênero em uma favela carioca* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002, pp. 7-9. ISBN: 978-85-7541-521-4. Available from: doi: [10.7476/9788575415214](https://doi.org/10.7476/9788575415214). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/vmnhq/epub/monteiro-9788575415214.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prefácio

Nos últimos vinte anos, mais de 60 milhões de pessoas se infectaram com o HIV. Destas, metade se infectaram entre 15 e 24 anos de idade. Mundialmente, os jovens de 15 a 24 anos correspondem a 30% das pessoas vivendo com HIV/Aids. Hoje, este número corresponde a cerca de 11,8 milhões de adolescentes e adultos jovens. Nos países onde predomina a transmissão heterossexual, as mulheres tendem a se infectar mais cedo.

A epidemia HIV/Aids está hoje vinculada à pobreza. Uma análise do Banco Mundial envolvendo 72 países evidencia que, em níveis nacionais tanto a renda *per capita* baixa como a desigualdade na sua distribuição estão associadas a taxas mais altas de infecção pelo HIV. Entre adultos urbanos de um típico país em desenvolvimento, um aumento de dois mil dólares na renda está associado com taxas de infecção 4% mais baixas.

O desafio da prevenção entre jovens é crucial. Os adolescentes tendem a lidar precariamente com situações em que ganhos imediatos se contrapõem a perdas só detectáveis a longo prazo, caso particular da atividade sexual, sua relação com a infecção pelo HIV e o desenvolvimento da Aids.

No mundo contemporâneo, especialmente na última década, estudos têm apontado a importância da vulnerabilidade dos jovens a situações consideradas de risco extremo. As taxas de criminalidade, homicídios, acidentes automobilísticos fatais, bem como o alcoolismo e o uso de drogas ilícitas têm-se constituído em objetos da agenda de políticas públicas, seja de pesquisa seja de serviços. As evidências indicam que os adolescentes, especialmente os mais jovens, são mais permeáveis a

macro-situações que envolvam suas famílias e seus amigos. Isto é, comparados aos adultos, são mais sensíveis a opiniões e ao controle exterior.

O livro de Simone Monteiro, sobre as experiências sociais do gênero e da sexualidade de adolescentes de Vigário Geral, analisa as representações e as práticas de proteção no cotidiano violento da vida de jovens moradores daquele pedaço carioca do mundo. Com uma visão crítica sobre as teorias psicológicas e sociais que dominaram os programas preventivos na primeira década da epidemia de Aids, a autora problematiza a prioridade que aquelas abordagens deram aos processos cognitivos de mudança de comportamento, à decisão individual e ao controle das ações pelo sujeito, estabelecendo uma relação direta entre o conhecimento e a prática, diante da percepção de comportamentos que ameaçam a saúde.

A partir da temática da proteção, a autora relativiza o enfoque epidemiológico de risco e discute a coexistência de universos culturais contrastantes e hierarquizados nas sociedades modernas. Essa abordagem pressupõe alguns desafios.

O primeiro deles é superar as artimanhas tentadoras do dogmatismo e do reducionismo. Assim, Simone Monteiro rompe as barreiras disciplinares, revê sua formação profissional e estabelece acordos teóricos indispensáveis para a produção de conhecimento. Em essência, este trabalho assinala a especificidade de ter de pensar o agir humano. Com clareza, ela aponta as inúmeras lacunas que continuam existindo nas formulações teóricas que buscam articular os diversos sistemas culturais e as práticas cotidianas individuais. Retomando a produção teórica desse campo, no que se refere às representações e práticas de proteção, dialoga com Foucault, Bourdieu, Gagnon, Giddens e vários outros.

O segundo desafio é a audácia de ir a campo. A sua imersão no real nos obriga a rever várias pré-concepções e, mais que tudo, apresenta-nos, desses adolescentes, significados não pensados, apontando para equívocos nos programas de educação para saúde. Aí parece ser a maior contribuição de Simone: como pensar a promoção da saúde, fora da categoria risco, com a proteção a partir das trajetórias biográficas do grupo em estudo.

A autora conclui que o perfil tradicional da sociedade brasileira, somado às condições materiais das camadas populares urbanas, atualiza o significado das relações pessoais em oposição à concepção moderna de cidadania, apoiada na noção de direito individual. Se no imaginário social o familiar protege, em um contexto relacional marcado pela desigualdade social, pela violência e pelos abusos do poder legal, essa associação tende

a ganhar maior relevância e significado. Ao analisar a presença dessa lógica nos cuidados com a saúde, em geral, e na prevenção do HIV/Aids em particular, bem como nas reações diante das ameaças do cotidiano, a autora fornece elementos valiosos para a reflexão crítica sobre o conteúdo e alcance das políticas preventivas em saúde.

Não se pode deixar de comentar que a epidemia HIV/Aids tem contribuído para a difusão de discursos constitutivos de uma lógica social de contágio e pânico que atualiza processos de exclusão em todas as esferas da sociedade. A dominação pelo terror é tão antiga na cultura ocidental quanto as noções de graça e pecado e impregna nossa história colonial e contemporânea. Assim, o isolamento pela morte civil e pelo estigma referidos à epidemia entre esses adolescentes é minimizado em um contexto em que as representações e as práticas de proteção são orientadas por regras de exclusão ambíguas e por éticas sociais diversas, expressas não em oposições binárias, mas móveis e negociadas. Na história humana, o abrigo sempre conviveu com a incerteza.

A falta de convergência entre o referencial cultural da população e o discurso e a ação preventiva suscita vários problemas analisados neste livro, entre os quais as certezas lógicas e explicativas de nossos solenes pronomes ‘eles’ e ‘nós’. Alguns outros problemas também são identificados pela autora, ainda que de maneira incipiente. Dizem respeito, por exemplo, ao significado imediato da vida e da proteção para esses jovens, contraposto as possibilidades de planejar futuros próximos ou remotos. Radicalidade, transgressão? Tal questão nos remete à dinâmica da relação entre o indivíduo e as estruturas sociais, à discussão dos aspectos subjetivos e objetivos da experiência do cotidiano no qual os modos de viver no limite parecem ser a rotina. Promover a saúde, garantir a qualidade de vida no futuro? Futuro? Que futuro existe em um microcosmo em que a vida vale tão pouco, cravado em um contemporâneo em que o tempo é simultâneo?

Já não há muito mérito em morar perto do céu e a reflexão acadêmica se confronta em Vigário Geral, como tão bem apontado por Simone, com as artimanhas de ser ‘safe’ e ser ‘safo’. Ao leitor, a possibilidade de, ao ritmo e à força dos sons desses adolescentes, arrebentar a palavra que pensa, e pensar o agir que transforma.

Elizabeth Moreira dos Santos

Pesquisadora Associada do Departamento de Endemias Samuel Pessoa
da Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz